

## RAÍZES DA LUSOFILIA DE GILBERTO FREYRE\*

Vamireh Chacon

Compareço pela primeira vez, na qualidade de membro efetivo na cadeira que foi a de Gilberto Freyre, à Academia Portuguesa da História fundada como Academia Real da História Portuguesa por El-Rei Dom João V em 1720; Academia à qual faltou equivalente patrocínio nas gerações reinantes seguintes, terminando por interromper longamente seus trabalhos desde o consulado do Marquês de Pombal a 1936, quando ressurgiu revigorada. Interrupção apesar dos distinguidos serviços e pesquisas, supridos em sua ausência pela Academia das Ciências de Lisboa fundada por Pombal em 1779 através da ação eficiente e eficaz, nos meios e nos fins, pelo Duque de Lafões e Abade Correia da Serra.

Ora vive esta Academia, à qual pertenço desde 1993 na categoria então de sócio correspondente, mais uma das suas grandes fases sob a presidência do historiador Joaquim Veríssimo Serrão, historiador português, historiador brasileiro e historiador luso-ibérico por seu *opus magnum*, o clássico *Do Brasil Filipino ao Brasil de 1640*.

A esta Academia há muito venho frequentando – às suas reuniões, biblioteca e arquivos – no meu aprofundamento das minhas raízes também lusotropicalmente brasileiras, como Gilberto Freyre, conterrâneo e amigo de décadas, tanto gostava de se definir. Procedo não só dos franco-hispanos Chacones pelo lado materno, quanto dos Albuquerque paternos

---

\* Discurso de posse em 9 de outubro de 1996 na cadeira nº 33 de sócio efetivo, acadêmico de número, sucedendo a Gilberto Freyre na Academia Portuguesa da História em Lisboa.

da cidade ao lado de Olivença hoje ainda em mãos castelhanas, mas, naquele tempo, lusitaníssimo guardião de fronteira. Dali rumou o primeiro Albuquerque medieval à Vila do Conde, onde passou a repousar para sempre no Mosteiro de Santa Clara pairando do alto de um oiteiro sobre as margens claras e sinuosas do Ave.

Daquela paisagem Oliveira Lima deu a primeira descrição amorável por um brasileiro: Vila do Conde, “com sua matriz manuelina, seu aqueduto monumental e seu convento das monjas de Santa Clara dominando com sua massa imponente as águas do Ave”, “correndo entre colinas escuras de pinheiras e vales cobertos de casario entre vinhas e milharais”. Dali os Albuquerques rumaram a Viana do Castelo, a vila e cidade portuguesa que “mais íntimas ligações teve com o feudo de Duarte Coelho, desde os seus inícios”. Testemunhava já o jesuíta Fernão Cardim, segunda metade do século XVI iniciador da colonização, como os habitantes nobres de Pernambuco que mais luxavam em Olinda, provinham de Viana. Tanto assim que, contra os abusos dos prepotentes, clamavam tanto por “Aqui de Viana”, invocando os foros antigos, quanto “Aqui d’El-Rei” pelo rei vigente.

Viana do Castelo culminada pelos altos de Santa Luzia, pela encosta de “quintas de pequenos campos de lavoura de milho divididos por baixos muros de pedra solta, de ermidas perdidas no arvoredado, e no remate o clássico pinheiral”. Visão ainda do cosmopolita pernambucano recifense Oliveira Lima em tempos anteriores às escavações arqueológicas, devolvendo à superfície daquela terra generosa e misteriosa, as linhas em pedra das citânicas celtas, ou melhor, celtiberas ancestrais, camada tectônica mais profunda do nosso “nós” cultural plural, não só arqueológico, mas também do nosso imaginário mais profundo, subterrâneos do nosso inconsciente coletivo donde se lhes extraem a seiva as indagações e respostas de Dalila Pereira da Costa e Antônio Quadros.

Do Minho, “foi sobretudo com fidalgos dentre Douro e Minho que se fez a primeira colonização aristocrática de Pernambuco”, demonstrada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* como rivalizando em luxo até com Lima e suas pratas do Peru, a tanto chegara a riqueza do apogeu do açúcar tornado produto de geral consumo, não mais apenas artigo médico de farmácia. Daí o ataque holandês logo na centúria seguinte.

Do porto de Viana do Castelo e do de Caminha, ainda mais ao

norte, já defronte da Galiza-Galícia como se diz em Portugal ou Espanha e Brasil, partiram aqueles minhotos remotos abrazeirando-se desde logo o primeiro século da colonização. De lá ainda Oliveira Lima lembrará em página exemplar, antológica, “a torre quadrada encimada por um sino, verdadeiro *beffroi* de cidade flamenga, Caminha sugeriu-me a recordação de Bruges”, “quem sabe se devido a algum artista belga por aqui transviado”, mas sua praça bem lusitanamente com a Misericórdia “e o chafariz grande e ornamentado, terminado por uma cruz d’Avis”.

Diante daquele êxtase maior na foz procelosa do Minho, o rio em largo embate com o mar agitado, ao fundo os picos galegos tocando as nuvens nos altos de Santa Tecla, sempre me detenho em peregrinação admirativa silenciosa, tanto quanto do topo do Santa Luzia olhando a ria de Viana do Castelo donde partiram em caravelas também os meus ancestrais paternos mais remotos, minhotos pernambucanos, de uma à outra margem atlântica. Viana a evocar de novo Oliveira Lima ali deslumbrado antes de todos nós: “Sob o céu de azul e de uma luz incomparável, esta paisagem tem um quê de italiana e a impressão não é desmanhada pelas velas latinas que se divisam ao longo das praias, inclinadas pelo vento”.

Não estou aqui em meio, porém, a uma mera digressão, e sim porque Gilberto era Albuquerque e Mello e Cavalcanti, ademais de Freyre, e de Oliveira Lima disse não se lembrar “de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre a minha formação”. Ninguém, portanto, melhor que Oliveira Lima, para os ritos iniciáticos em luso-brasilidade, contrapeso dinâmico à influência da Antropologia Cultural da Escola de Columbia, da Universidade de Columbia, Nova York, com o pioneiro maior da moderna Etnologia à frente, Franz Boas, sobre Gilberto Freyre, ou do culturalismo alemão em mim. Porque Oliveira Lima pernambucano universal pela abertura oceânica do porto do Recife de Pernambuco, geradora de uma mentalidade por assim dizer ali quase hanseática, como a venho chamando, à qual os combates luso-hispânico-flamengos deram impulso maior...

Oliveira Lima – o mais lusófilo dos historiadores brasileiros, lusofilia vivida, não só estudada – era filho de mãe luso-brasileira do Engenho Antas de Rio Formoso, sul de Pernambuco, propriedade do Marquês de Olinda arrendada a um transmuntano de Chaves, avô materno de Oliveira Lima. Seu pai, português do Porto, nascido nas imediações da Sé, imigrado

ao Recife em 1834 para “tentar fortuna, sendo caixeiro pobre depois patrão, com negócio de fazendas e consignações de açúcar”.

Ficou rico, o neto dele orgulhoso descreve-o com modos de fidalgo, sempre enluvado, vestido na Europa, a “ler livros de viagem fumando uma cigarrilha de louro tabaco russo”, a “ouvir boa música, tendo uma paixão pelo *Guilherme Tell* de Rossini e pela *Ave Maria* de Gounod, não a de Schubert mais conhecida...”

Rico, o pai voltou a Portugal, mas à capital do reino. Aos seis anos de idade Oliveira Lima já está em Lisboa. Ali estudará com os padres lazaristas, fará os preparatórios e colará grau nos primórdios da Faculdade de Letras. Para sempre guardará gratas recordações dos padres e dos professores, sofrerá intimamente com as violências da Revolução de 1910 contra os sacerdotes de São Luís e por eles intercederá um tanto em vão junto ao tão anticlerical Afonso Costa, Ministro da Justiça, e a Bernardino Ribeiro, Ministro dos Negócios Estrangeiros. Dos professores lembrará Rebelo da Silva, Viale, Soromenho, principalmente Pinheiro Chagas e Teófilo Braga. O de História, Consigliere Pedroso, virá a ser quem lhe dará o parecer favorável à entrada na Academia. Precoce, Oliveira Lima colabora desde os vinte e um anos de idade com artigos em *O Repórter* de Oliveira Martins, aos vinte e dois com a *Revista de Portugal* de Eça.

Passará férias em Londres e Paris, freqüentará óperas no São Carlos, entre andanças do Rossio ao Grêmio Literário. Ingressará na carreira diplomática, a servir o Brasil do Japão a Estocolmo, Buenos Aires e Caracas, Berlim e Washington, do que deixará livros de depoimentos e observações ainda hoje válidos. Está sepultado no Cemitério Mount Olivet em Washington, sua biblioteca com seu nome na Universidade Católica da América, seu corpo sob a lápide de pedra pernambucana com a inscrição “Aqui jaz um Amigo dos Livros”. Eis a síntese dos caminhos de Oliveira Lima.

Oliveira Lima era historiador do Brasil (*O Movimento da Independência, O império Brasileiro*), de Portugal (*Dom Pedro e Dom Miguel: A Querela da Sucessão e Dom Miguel no Trono*), dos dois povos entrelaçados (capítulo “A nova Lusitânia” na *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, editada por Carlos Malheiros Dias, e principalmente *Dom João VI no Brasil*) e do Brasil com os demais povos americanos em *América Latina e América Inglesa e A Evolução Brasileira comparadas com a Hispano-Americana e com a Anglo-*

*Americana*, em parte em universidades dos Estados Unidos, conferências ali pronunciadas.

Mesmo no fim da vida em Washington, Oliveira Lima não esquecerá Portugal. Vem a Lisboa em 1923 para inaugurar a cadeira de Estudos brasileiros na então Faculdade de Letras, com a série de conferências *Aspecto da História e da Cultura do Brasil* publicadas com prefácios de Teófilo Braga e Eugênio de Castro e apresentação de Queirós Veloso.

Gilberto Freyre – da mesma tribo da açucarocracia já urbanizada no Recife – tinha de ver seu destino cruzado com o de Oliveira Lima desde princípios do nosso século XX.

Tem-se de reconstituir pela imaginação a cena a partir das recordações do próprio Gilberto Freyre.

Oliveira Lima media quase dois metros e pesava mais de cem quilos, quando ele passeava pelas ruas do Brasil os maliciosos comentavam: “Lá vêm a flora e a fauna do Brasil”, em alusão à sua esposa Dona Flora, irmã do também açucarocrata pernambucano “Minó”, Manuel Cavalcanti de Albuquerque, mas um Albuquerque senhorial.

O palco, um “sobrado velho e tristonho no fundo de um sítio bem pernambucano, cheio de mangueiras e jaqueiras”.

A cena parece digna do relato de Eckermann sobre seu primeiro encontro com Goethe: “Quando a criada me perguntou quem eu era, fiz-me de importante e disse: ‘diga que é um estudante’. Mas era um simples colegial tão pálido e sem importância que não sei como tive tamanha coragem. Fiquei cinco minutos à espera do grande homem. Cinco minutos pensando em frases bonitas para lhe dizer. Foi quando ouviu-se um barulho na escada... e Oliveira Lima apareceu na sala, gordo e imenso. Desde esse dia ficamos amigos. E não me lembro de mestre nenhum, exceto Boas, que viesse a exercer influência tão poderosa sobre a minha formação, inclusive sobre os estudos em que me especializaria: o patriarcado rural e a miscigenação no Brasil”.

Gilberto Freyre muito ouvirá suas opiniões antes, durante e após seu bacharelado pela Universidade de Baylor no Texas e mestrado na Columbia novaiorquina, freqüentando a casa de Oliveira Lima na Rua Treze Noroeste nº 3536 nas Columbia Heights, “entre fofos móveis ingleses e sóbrios tapetes peludos”, como Gilberto o surpreendeu e descreveu, mas “o espírito da casa permaneceu pernambucano”, Oliveira Lima fazia questão de frisar. Luso-pernambucano em meio a todo seu cosmopolitismo, podemos acrescentar-lhe.

De Oliveira Lima seguirá Gilberto Freyre as sugeridas pegadas inclusive quando pela primeira vez longamente em Portugal, após a rápida, dramática, escala do navio que o levava ao exílio por causa da revolução da Aliança Liberal em 1930. De todos os amigos portugueses de Oliveira Lima será o Conde de Sabugosa o mais marcante, Conde de Sabugosa dos “Vencidos da Vida” de Ramalho Ortigão, Conde de Ficalho, Marquês de Soveral e Guerra Junqueiro, a este último Gilberto Freyre não quererá visitar, apesar da proposta também de Oliveira Lima.

Sabugosa, no retrato gilbertiano, “muito castigo, muito da sua terra, guarda alguma coisa de aristocrata inglês. Pálido. Mãos muito brancas, muito longas e finas. Voz baixa. Nenhuma exuberância. Nenhum exagero. Um pouco surdo”. Morando num “casarão tocado de mistério. Um tanto triste mas de uma tristeza sóbria, discreta, britânica”. Note-se a tendência gilbertiana, tanto quanto de Oliveira Lima, de ver algo anglo-brasileiramente Portugal, por formação intelectual em leituras de Aubrey Bell, Beckford e Edgar Prestage, anglofilia ao lado de lusofilia. Não por acaso Oliveira Lima e Gilberto Freyre gostavam tanto do Porto, onde o comércio dos vinhos e a burguesia liberal tão intimamente se associaram a Londres, como se vê exemplarmente da prosa de ficção de valor também sociológico de Júlio Dinis em *Uma Família Inglesa*.

Do Conde de Sabugosa ainda Oliveira Lima deixará esplêndido retrato psicológico social, “no seu palácio de Santo Amaro, onde a bela biblioteca, formada pelo seu antepassado Conde de São Lourenço, subsiste numa penumbra de capela entalhada do século XVIII e onde a sala de jantar, pintada a óleo com animais e árvores do Brasil, recordava a estada ali como vice-rei a um outro dos seus antepassados, Dom Vasco César de Meneses”.

Pelos sutis perfis pintados de João Lúcio de Azevedo e Fidelino de Figueiredo por Oliveira Lima, é que se vê porque Gilberto Freyre veio a visitá-los: Fidelino, “um formoso espírito de erudito moderno, pulsando de energia na crítica dos fatos ou das idéias”; João Lúcio de Azevedo: “Uma inteligência curiosa, penetrante e compreensiva, escrevendo História como nenhum outro no Portugal contemporâneo, porquanto reúne à paixão do documento uma segura dedução sociológica e uma pronta interpretação filosófica, tanto mais sugestiva quanto evita parecer importar-se...”

De João Lúcio de Azevedo dirá Gilberto Freyre por sua vez “uma elegância de espírito rara, raríssima de autodidata”, “talvez, hoje, o maior

dos historiadores portugueses”, acrescentando-lhes Joaquim de Carvalho “filósofo e historiador da cultura”, “excelente”.

A Antônio Sardinha, “que portuguêsíssimo nome” dele dirá Gilberto Freyre ao incluí-lo na lista dos amáveis contactos lusitanos, dele recebendo carta de 18 de dezembro de 1927, datada da Quinta do Bispo em Elvas, na qual o jovem Gilberto é logo tratado como “meu prezado camarada”, com “a maior alegria”; “irmandade das idéias e do espírito”, “através do mar” pela ponte do “querido e comum amigo Dr. Oliveira Lima”. Convida Gilberto Freyre a Elvas, promete enviar-lhe seu livro de ensaios *No Principio era o verbo*, mas Sardinha morre muito jovem no mesmo ano, para tristeza também de Oliveira Lima, “cujo desaparecimento prematuro, aos trinta e seis anos, em pleno viço da inteligência ferosa, tanto deplorei”, palavras de Lima.

Há que lembrar as simpatias de Oliveira Lima e Gilberto Freyre por Antônio Sardinha no contexto antevisto como Revolução Conservadora pelo poeta austríaco Hugo Von Hofmannsthal, assim como *A Reação do Bom Senso* segundo o castigo católico tão brasileiro de Jackson de Figueiredo. Reação da década de 1920 contra a crise então de Portugal, “um País que a Geografia e a História fadaram para um destino sempre glorioso”, palavras de Oliveira Lima, retomadas pela poesia de Fernando Pessoa em *A mensagem* e por Gilberto Freyre em sua lusotropicalologia. Gilberto não esquecerá Sardinha, terminará por visitar a viúva em Elvas, tempos após. Lusotropicalologia tão polêmica pelas paixões da época, reabilitada pelo próprio primeiro-ministro e presidente Mário Soares em discurso na inauguração da Sala Calouste Gulbenkian na Fundação Joaquim Nabuco no Recife em 29 de março de 1987, como se vê nos arquivos desta instituição: “Essa teoria foi mal aproveitada no tempo do antigo regime, mas, justamente eu quis demonstrar que a obra de Gilberto Freyre era admirada em Portugal, não só por aqueles que eram partidários do colonialismo, como pelo Portugal livre, democrático e moderno que eu represento”.

O entusiasmo de Gilberto Freyre pela lusotropicalologia, elevada até a lusotropicalismo, de ciência a quase ideologia, devia-se, isto sim, à sua valorização das raízes brasileiras também lusitanas, ao lado das outras preponderantes, a ameríndia e a africana, como se vê tão bem em *Casa-Grande & Senzala*. O lusotropicalismo gilbertiano é uma projeção do seu luso-brasileirismo miscigenado e miscigenador, “isto é, o deslocamento

da cultura europeia de um espaço lusitano (português) a uma paisagem cultural tropical. Daí (explicou-o o Professor Hanns-Albert Steger com grande capacidade de síntese) surge a única cultura outrora europeia tornada tropical”.

E mais, na síntese segura do Professor Steger da Universidade de Erlagen-Nuremberg: “É um discurso o qual converte a saudade do mundo lusitano, a nostálgica busca do passado, no mundo imaginário um dos símbolos de confiante busca do futuro”. Gilberto Freyre, por outro lado tão anglófilo e provincial internacionalista (embora não propriamente provinciano cosmopolita), apegava-se à lusitanidade hegemônica na formação do Brasil como âncora de continuidade cultural e fonte de brio nacional inclusive diante das diversas, sucessivas, avassaladoras influências em escala mundial. É a defesa do básico da nossa identidade comum, até mesmo como bloco político oceânico da Europa à América do Sul, África, Ásia e Oceania, até o longínquo Timor contra cujo ordálio ora também protestamos.

O que mais impressionava Gilberto Freyre em Portugal era não só as cidades, por mais que gostasse do Porto com seus sobrados altos parecendo-lhe os do Recife, quanto o mar, “Mar Português” na definição de Fernando Pessoa, desde o Mar Maior, emblemático, de Sagres: “aqui a paisagem nada tem de macio nem de doce, nem mesmo de lírico. É dramática... deixando-se ver de face só por quem venha do lado do mar, asperamente, buscando descobrir uma fisionomia também áspera, de terra enobrecida pela inquietação, pelo sofrimento e pelo sacrifício dos homens a quem mais se deve a expansão europeia no mundo”, escreve Gilberto Freyre em *Aventura e Rotina*, que tem por subtítulo: *Sugestões de uma Viagem à procura das Constantes Portuguesas de Caráter e Ação*.

Mar Português, o mais querido gilbertianamente, o de Setúbal: “Vamos até à enseada, em que os pescadores se abrigam dos ventos mais zangados do Noroeste. São águas tão amigas dos homens, e não apenas dos meninos, que a vontade que se tem é de demorar aqui não apenas dias, porém meses... E de uma paisagem com qualquer coisa de alpino, mas um alpino amaciado pelo mouro e pelo Frade. Avistamos Lisboa de longe, com o seu não sei quê de docemente triste, que deve vir das muitas saudades de portugueses voltados há séculos de tantas e tão diversas partes do mundo, para a sua Ulisséia. Os Ulisses com saudade de Ulisséia”.

Além do mar, trabalhado pelos portugueses e não apenas

expressão forte da natureza, o campo português, porém não também as meras montanhas e vales, e sim as quintas, traço cultural impresso tão lusitanamente na paisagem: “evidentemente são as quintas que mais se atraem em Portugal. Atraem-me pelo que acrescentam de especificamente português às paisagens. Sem quintas, Portugal seria caracterizado só por conventos e igrejas. Faltaria às suas paisagens a expressão ou a marca do português mais caracteristicamente português...”

A síntese de Portugal para Gilberto Freyre estava no Algarve, Idade Média de Silves, Renascimento em Sagres, a mais oceânica e a mais telúrica das regiões portuguesas (sabe-se o quanto Gilberto Freyre valorizava os regionalismos), até a mais dionisiaca: os próprios “nomes de lugares têm no Algarve muito de voluptuoso para os ouvidos: dá gosto ao adventício ouvi-los. Ocorre-me Alvor, por exemplo. E a Alvor poderia acrescentar Almodovar, Odeleite, Alcoutim, Luso, Bensafrim, Aljezur”; “é uma delícia para os ouvidos a carícia que lhes fazem, juntamente com as águas do mar e das noras, esses e outros velhos nomes poeticamente árabes como é um regalo, para os olhos, o verde de bosques, de jardins, de oliveiras. Oliveiras que têm séculos: quase eternas. Desdenhosas do tempo e dos ventos”.

Portanto, Algarve não só antecipação seca da África do Norte, também o Algarve verde, verde do mar e da terra conquistada, amaciada, pelo homem e homem árabe, é bom, até indispensável que isto seja dito numa época, a atual, de tanta repulsa à vinda dos árabes, quando antes a Europa tanto esteve nas Arábias. Quem quiser, depende da boa fé e da boa vontade, entender o lusotropicalismo e seu estudo, a lusotropicologia, muito além e acima de cruzamentos temporais com regimes políticos do momento, daí a reação de alguém da autoridade moral política de Mário Soares em favor da Lusotropicologia e do lusotropicalismo, leia ou releia esse trecho fundamental em *Aventura e Rotina*:

Chega a ser ridícula a pretensão de certos nórdicos de se considerarem ‘raça superior’, esquecidos de que eram quase desprezíveis bárbaros e alguns mesmo selvagens na época em que árabes e mouros davam à paisagem do Sul da Europa formas tão belas e delas desentralavam valores tão altos, como os que ainda hoje se prolongam em arquitetura, horticultura, lavoura,

em certos trechos de Portugal e da Espanha. Eles próprios, árabes e mouros, acrescentaram a essas paisagens o vigor de figuras magnificamente eugênicas, de homem e de mulher, das quais têm resultado para Portugal muita beleza de mulher morena, trigueira ou mestiça. Também muito homem superior pelas formas de corpo ágil, apto às aventuras da cavalaria e do amor...

Note-se como Gilberto Freyre não se detém na arquitetura de óbvia grandeza em Granada ou Córdoba, em digressões historiográficas; é que para ele a arte é mais importante que a ciência e a vida maior que a arte. Daí o dionisiaco entusiasmo gilbertiano pela culinária, ele mesmo excelente cozinheiro, preparava alguns dos melhores pratos dos almoços e jantares que oferecia na casa-grande de Apipucos, pesquisou e escreveu etnográfico e gastronômico livro de receitas de bolos, *Açúcar*. Lembre-se que se trata de uma das melhores tradições culturais portuguesas, que o testemunhe o Embaixador Dário de Castro Alves tão exímio conhecedor dos pratos e bebidas minuciosamente amados por Eça de Queiroz, como se vê ao longo da sua novelística.

Para Gilberto Freyre, "Portugal, com seus conventos monumentais, teve, então, cozinhas também monumentais, com alguma coisa de laboratórios". "E esse gosto teve na cozinha monumental de Vila Viçosa uma das suas melhores defesas", alentejana Vila Viçosa do palácio bragantino maior: "Quem for a Vila Viçosa, não se deixe ficar só entre tapetes persas, porcelanas finas, pratos antigos, columbanos, bronzes, azulejos de salão e de capela real: desça à cozinha que é rival das dos conventos". (Gilberto Freyre obviamente vibrava com aquela cozinha do Mosteiro de Alcobaça pela qual passa até um pequeno rio, caudaloso o suficiente para conseguir lavar tantos pratos usados). "A cozinha de Vila Viçosa não nos dá a impressão de ter sido apenas defensiva mas agressivamente portuguesa no modo por que resguardou as melhores tradições lusitanas do paladar contra sutilezas exóticas".

Oliveira Lima, neste caso mais por convergência com Gilberto que o influenciando, costumava dizer, com experiência de diplomata de vida inteira transitando por dispares países, que o paladar é a última dimensão humana a desnacionalizar-se; Oliveira Lima regalava-se até o fim da vida em Washington com as mangas de Itamaracá trazidas pelos amigos de Pernambuco.

Paladar, um dos baluartes da cultura: “Só a burguesia menos rija deixou-se em Portugal afrancesar-se nos seus gostos não só culinários como literários a ponto de terem alguns portugueses chegado a perder a noção ou o sentido do castiço tanto no comer como no escrever. Mas sem que os grandes fidalgos e os sólidos plebeus acompanhassem os burgueses mais ricos ou menos plásticos nesses excessos de aventura de dissolução” (*Aventura e Rotina*)

Culinária não só dos pratos mais conhecidos, também a proletária e gloriosa, por isso nobre, açorda alentejana “de pão muito lusitanamente embebido em alho, azeite e água de bacalhau”; pois, “a comida no Alentejo é ela própria uma comida que parecendo ser simples é complexa com seus coentros, seu alho, seu vinagre misturados de um modo que parece o dos feitiços. Feitiçaria culinária”.

Gilberto Freyre amava a vida de alma e corpo, logo se vê na cena de Setúbal de *Aventura e Rotina*: “Em Setúbal espera-nos um almoço de peixe fresco e de mariscos: um almoço completado com a vista, o cheiro e o sabor de um mar que parece-nos querer prender a este recanto de Portugal não só pelos olhos como pelo olfato e pelo paladar. Pelo corpo inteiro. Na verdade é com o corpo inteiro que a pessoa tem o desejo de abandonar-se a esta beira portuguesa de mar...”.

Sem esquecer evidentemente o vinho, o do Porto “Luz do sol engarrafada”, na natural companhia dos queijos, o da Serra da Estrela “há séculos o homem cria ovelhas dentro da mesma doce rotina”, queijo de leite de cabras pastando em torno da Guarda, “a velha praça que, nos dias claros, daqui se avista soberanamente a Espanha”.

Gilberto Freyre amava em Portugal até as pedras, da maneira máxima as do Mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha comemorativo da vitória maior de Aljubarrota, garantia da independência e identidade portuguesas, com “certo tom cor-de-rosa que a luz da tarde parece amaciar a pedra em carne. Mas uma carne antes de santa que de mulher, tão suave parece aos nossos olhos de pecadores e tão distante de nós, pessoas banalmente vivas: uma distância criada pelo tempo”.

Pedras portuguesas, luso-ibéricas, sublimadas também ao máximo, então pela beleza ao lado do misticismo das da Batalha, pelos azulejos criados por mouros e frades, a dualidade dialética mais profunda de Portugal, “azulejo de casa, de igreja, de jardim, que não há quinta, convento, igreja, capela, sobrado velho em que não haja um bom painel ou rodapé

a admirar ou simplesmente a ver”. “Azulejos famosos também pela muita cor de vinho, pelo muito amarelo claro, pelo muito amarelo do chamado quente que anima as composições de uma vibração que falta aos azuis ou verdes mais convencionais”, de procedência ou influência flamenga.

Pois, di-lo ainda Gilberto Freyre em *Aventura e Rotina*, “eu sou dos que facilmente se entusiasma pelos azulejos velhos que se conservam vivos, claros, alegres, alguns até vibrantes, tanto no interior das casas como nos recantos dos jardins de quintas portuguesas. Que brilham ao sol de agosto sem, entretanto, aumentarem com o seu brilho o calor do verão. Ao contrário: diminuindo-o”.

Este o Gilberto Freyre lusófilo, amantíssimo de Portugal porque amantíssimo das Áfricas, Ásias e Oceanias lusotropicals, acima de tudo porque brasileiríssimo. Recordar Gilberto Freyre é revivê-lo, ele viverá enquanto existir a língua portuguesa e a cultura lusotropical; para contribuir à sua e nossa permanência é que o sucedo, não o substituo, tão honrosamente para mim, na Academia Portuguesa da História, Casa Inicial da Memória Lusíada na qual todos nós, lusofalantes, nos encontramos e nos reconhecemos de coração, não só pela inteligência. Inevitável concluir com Fernando Pessoa: a Pátria é a língua. Todos os lusotropicals somos também compatriotas de Gilberto Freyre.